



Moacyr Pereira Oliveira Júnior - († In memoriam)

Nome de guerra: **Catarina**

Nome completo: **Moacyr Pereira Oliveira Júnior**

Cidade de origem: **Florianópolis - SC**

Redação por Eduardo Pires Castanho Filho (Drepão)

Biografia:

Catarina nasceu e se formou no científico em Florianópolis. Seu pai catarinense, e a mãe rio-grandense do norte resultaram numa mistura interessante, de sotaque inconfundível. Foi fazer agronomia atraído pela aventura e o fascínio do desconhecido, querendo se “libertar” de certo provincianismo que via em sua terra natal. Em Piracicaba, descobriu uma nova vida e aproveitou intensamente o ambiente acadêmico de então. Estabeleceu sólidas amizades com vários colegas, de todas as turmas, e especialmente com o Drepão e com o Bessa, e costumava convidar colegas a irem passar férias em Floripa, na época uma ilustre desconhecida. Quando estava no segundo ano, foi a Salvador em sete numa Kombi: com Drepão, mais o Zanaga, o Bessa, o Fuad, o Bidu e o Zé Prefeito. Logo na chegada foram dormir na lagoa do Abaeté, absolutamente desértica na época, onde comeram uma divina peixada

feita por um pescador local. Conheceram os pontos turísticos locais, participaram de reuniões do movimento estudantil e tiveram dificuldades com alojamento. Na volta compraram saguis na estrada que acabaram por morder todos os integrantes da comitiva, que ao chegar a Pira tiveram que tomar dezenas de injeções na barriga, já que um dos macaquinhos morreu e foi diagnosticado com hidrofobia.

O vírus da viagem atacou o agricultor e já em 1969, no final do 2º ano da ESALQ, ele e Drepão fizeram uma viagem de carona pela América do Sul, começando pelo Uruguai, indo para Argentina, Chile e Bolívia. Conheceram as faculdades de Agronomia desses países onde, invariavelmente, eram muito bem recebidos e “obrigados” a tomar muito vinho e jogar futebol, não necessariamente nessa ordem. No Uruguai, logo que chegaram em Montevideu dormiram nas barracas de banho da praia de Pocitos. Depois foram alojados no quarto “Inti Peredo” e tiveram contato com os tupamaros, numa grande coincidência, porque ficaram no alojamento de um deles. Da Argentina guardaram poucas lembranças marcantes. Em Buenos Aires foi uma dificuldade para conseguir alojamento. Dormiram uma noite na Recoleta, ao relento, e depois foram para o abrigo do Exército da Salvação. Saíram para Mendoza em uma viagem de 18 horas de trem. De interessante ficou a viagem pela Cordilheira e a travessia dos Andes por Puente de Incas com a posterior descida rumo a Santiago pelos recém-construídos Caracoles. Em Santiago, ficaram hospedados no Hogar de Universitários da Universidade de Chile. Visitaram e dormiram no estádio Sausalito em Viña del Mar, onde o Brasil jogara em 62. Aí procuraram se informar sobre a reforma agrária então em curso no País, tema proibido no Brasil, não obtendo esclarecimentos que pudessem ser trazidos para cá. Alcançado o objetivo da viagem e ainda com tempo e alguns dólares resolveram esticar até a Bolívia, apesar da documentação precária: tinham apenas um “permissão” de turismo emitido pelo consulado brasileiro em Santiago. Foram a Antofagasta, cruzando o magnífico Atacama e subiram as cordilheiras de trem, passando por minas de cobre e pelo salar. Dentro dessa litorina, Drepão teve uma baita crise renal e quase foram descobertos pela imigração. Passaram maus momentos em La Paz, com falta de ar, muito frio, talvez o pior hotel do mundo (Residencial Liberty) e pouco dinheiro. Pegaram

carona para Cochabamba num caminhão de garrafas e depois de conhecer o mercado cocaleiro rumaram para Santa Cruz de La Sierra, na companhia nada edificante do capitão que havia comandado a caçada ao Che, já pensando na volta. Havia mochileiros de toda a América em Santa Cruz, onde foram alojados na Escola de Veterinária, esperando o trem que iria para Corumbá, inclusive com dois piracicabanos, um dos quais também faria a ESALQ, Flávio Leão (Urubu). Ao chegar a terras brasileiras comemoraram com Brahma.

A terceira viagem também teve seus pontos de precariedade. Incorporaram um terceiro personagem à dupla - o Barraca. Seguiram para BH e de lá para Pirapora. Aí conseguiram carona no vapor que iria a Petrolina e Juazeiro, onde queriam conhecer o projeto de irrigação do São Francisco. A viagem levou mais tempo do que deveria por que rio estava seco e houve uma morte durante o trajeto o que obrigou a deixar o falecido na Bahia. De Petrolina foram para Feira de Santana quando viram pela TV a chegada dos gringos na lua, num posto de gasolina na BR-116. Daí, seguiram para Itabuna onde se encontraram com o Aquino e tomaram contato com a cacauicultura, além de conhecerem a nascente CEPLAC, dirigida por Alvim. Na volta resolveram pegar um trem em Governador Valadares e foram até Vitória onde experimentaram a famosa moqueca capixaba.

Em 68, teve que fazer o Tiro de Guerra, que tinha um bom contingente esalqueano. Foi um ano atrapalhado e cheio de peripécias onde até controle de multidões foi treinado. Catarina dirigiu junto com o Drepão o Bishow de 1970, que acabou provocando certo furor por atacar a ditadura, de uma forma um tanto dissimulada é verdade, mas que causou temor por algum tipo de represália. Catarina participou ativamente de ações contra o regime militar, como panfletagens em fábrica, pichações pelo voto nulo, passeatas quando o pessoal de Ibiúna foi preso, mas, gostava mesmo era de uma boa festa “republicana”. Quando se formou teve convites para regressar a Floripa, mas, queria continuar em São Paulo e formou durante quase seis meses um trio, com o Drepão e o Zé Ricardo, para procurar emprego. No final de 1971, foi para o IIPH – Instituto Paulista de Promoção Humana, entidade com sede em Lins, que se propunha a um trabalho de porte fortemente social e junto aos pequenos

produtores em Auriflama, no Noroeste de Estado, onde precocemente encontrou a morte, em 23 de fevereiro de 1973.
